HORACIOS E CURIACIOS

OU

MAIS UM PONTO E VIRGULA

NA ACTUAL

QUESTÃO LITTERARIA

POR

A. M. da Cunha Bellem

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1866

HORACIOS E CURIACIOS

OU

MAIS UM PONTO E VIRGULA

NA ACTUAL

QUESTÃO LITTERARIA

POR

A. M. da Cunha Bellem

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1866

QUESTÃO LITTERARIA

A momentosa lucta, que vae travada no campo da litteratura, tem apresentado desde o seu começo singularidades tão dignas de menção, que nós, soldados bisonhos, que mal podemos entrar com denodo na refrega, nos comprazemos pelo menos em registar aqui.

Nasceu de pouco esta controversia pessoal, que depois assumiu a magnitude de uma questão de principios, sendo os escriptores estranhos á primordial contenda os que mais concorreram para a collocar no seu verdadeiro e util terreno!

Tem-se dito e discursado muito sobre o assumpto; as armas aceradas da critica vehemente e apaixonada, as blandicias do louvor cortezão e lisongeiro, os epigrammas da satyra, e até as invectivas do rancor hão sido misturados aos solidos argumentos da boa razão; mas entre tantas analyses e apreciações, nascidas de tão differentes engenhos e de tão provadas aptidões, não appareceu ainda proposto um alvitre a acceitar como remedio para salvar a litteratura da decrepitude que parece ameaçal-a, auferindo assim os bons resultados, que deviam ser legitima consequencia da questão controvertida.

Se é permittida a comparação clinica, toda a discussão tem corrido ácerca do diagnostico de enfermidade; nem uma palavra porém se disse ainda em quanto ao tratamento! Pois conhecido o mal, urgia dar-lhe remedio.

Historiemos a questão em poucas palavras.

As abstracções consubstanciadas nos escriptos litterarios, especialmente dos srs. Theophilo Braga e Anthero do Quental, haviam merecido as repetidas e chistosas censuras, mais ou menos incisivas, do gracioso folhetinista o sr. Pinheiro Chagas, que aproveitava sem tregua aquelle assumpto para afiar o gume da sua espada satyrica. Veiu por este tempo a lume o mimoso livro do mesmo folhetinista *O poema da mocidade* e com elle uma carta chamada de critica litteraria do sr. A. F. de Castilho, em que o notavel escriptor se referia de um modo um pouco epigrammatico ás tendencias de germanismo philosophico dos dois mencionados e aliás muito talentosos mancebos, a quem não sabemos por que razão se deu o epitheto collectivo de *escola de Coimbra!*

D'ahi a origem da contenda! O sr. Anthero do Quental veiu a terreiro mostrar que o sr. Antonio Feliciano de Castilho gozava de uma reputação immerecida, que o valor das suas obras era postiço e que a verdadeira aurora litteraria raiava, de envolta com a independencia e hombridade de caracter, nas *innovações* da tal chamada *escóla de Coimbra.* Contestou o sr. Julio de Castilho, defendendo o bom nome de seu illustre progenitor, reclamou para elle o logar que lhe competia na reforma litteraria inaugurada por Garrett, deu-nos em extensa lista noticia de todos os homens mais ou menos notaveis que, tanto no paiz como no estrangeiro, tem prestado culto e homenagem ao talento do sr. Castilho, e tratou em escambo de mostrar que todos os escriptos e transcendentes philosophias do sr. Quental eram meras frandulagens litterarias, ouropeis de falso brilho e nenhum valor. O sr. Manuel Roussado então fez espirito á custa da *escóla Coimbrã* n'um ligeiro opusculo, bem como o sr. Pinheiro Chagas n'um chistoso folhetim do *Jornal do Commercio.* Appareceu nova contestação do sr. Quental, que contradizia em alguns pontos capitaes as suas primeiras asserções; e por fim o sr. Theophilo Braga veiu dizer-nos que o merecimento do poeta da *Primavera* era ser cégo e que as verdades só produziam effeito no nosso paiz com o acompanhamento do escandalo.

Eis a primeira phase da questão.

Até aqui houvera verdadeiramente uma lucta ingloria de homens contra homens, em que cada contendor tratava de dar realce apenas aos defeitos do adversario, sem cuidar de prestar-lhe homenagem aos merecimentos; troca de apreciações apaixonadas, que podiam macular as reputações mas não avan-

çavam nem um passo no bom terreno, em que a discussão podia ser util para os destinos da litteratura.

Saiu então a lume uma carta jocosa sob o pseudonymo de Amaro Mendes Gaveta, que, entre as liberdades de poesia satyrica, e prestando culto ao merito dos differentes gladiadores, censurava a cada um, já pelos defeitos que lhe encontrava, já pelo inopportuno empenho com que haviam travado aquella lucta improficua; e estabelecia como sol da reforma litteraria, em torno ao qual giravam como satellites todos os outros astros, o vulto immortal do visconde de Almeida Garrett.

A partir d'aqui, a questão tomou mais largos horisontes, e logo o excellente opusculo do sr. Ramalho Ortigão veiu em boa prosa e com solida argumentação provar cabalmente o que o o poeta satyro havia apenas esboçado; e, dando a cada um o logar, que de direito lhe compete, mostrou que o sr. Castilho, homem tão eminente nas letras, era dos maiores cumplices na decadencia d'ellas, pelo culto quasi exclusivo da fórma, pela má direcção da critica litteraria de que era chefe, e emfim porque, conhecendo hoje a enfermidade, não tratava de investigar a causa como bom philosopho, mas pelo contrario, architectava phrases elegantes e graciosas, que illudiam a questão em vez de a resolverem.

Veiu por fim um outro escripto firmado com o pseudonymo *Eremita do Chiado*, que com critica incisiva e por vezes vehemente mas sempre chistosa, apreciou o merito de differentes escriptores da actualidade, tentando mostrar que eram os magnates da litteratura contemporanea, Castilho e Herculano, os directos progenitores da hoje tão invectivada *escóla coimbrã*, a qual tanto se afasta de simples elegancia e da amena clareza de Garrett, o verdadeiro reformador das nossas letras.

Tal é a segunda phase da contenda, que corre travada !

Se nos é licito aventar opinião em controversia de tal magnitude, diremos com franqueza e lealdade, que a discussão nasceu inopportunamente, porque o estado da nossa litteratura não é tão assustador como aos pessimistas se afigura ; mas que, visto haver corrido o certame, bom é que d'elle se colha algum proveito, buscando remedio ao mal que constrange a arvore litteraria a dar fructos pêcos e dissaborosos entre alguns bem sazonados.

Não é a *escóla de Coimbra* ou os obscuros germanismos de alguns escriptores o peior mal que ataca as letras, pois esse de persi se nos afigura curavel !

Tão singela coisa é a poesia, tão amena e suave na essencia

que naturalmente expelle essas nebulosidades com que tentam assombrear-lhe a alvura da sua chlamyde. Filha do povo e nascida especialmente para o povo, a poesia é destinada a cantar os affectos meigos, os sentimentos doces, ou a mascarar com os risos da jovialidade as censuras da satyra. Desvial-a d'estes seus destinos é falsear-lhe o fim, é mentir-lhe a essencia, é roubar-lhe a melodia intima, e convertel-a em frio apontoado de phrases rimadas e metrificadas.

N'uma época em que as sublimidades da grande epopeia do trabalho e da actividade humana se narram em boa e elegante prosa, em que se escrevem poemas sentidos e harmoniosos em prosa corrente e pura tambem, ir vestir em fórmas metricas as abstracções da philosophia transcendente, é ficar muito áquem das metrificadas regras da grammatica grega de Porto Real; será fazer máos versos quando muito, mas nunca praticar com as musas na sublime inspiração da poesia.

Que destinos estão reservados ao transcendentalismo germanico nas questões philosophicas e psychologicas não o sabemos nós; mas onde decerto a philosophia transrhenana não deve ter influição é nas varzeas amenas da boa litteratura, que se hade comprazer sempre, afastada de tão abstruza nebulosidade, com a contemplação da natureza em todas as suas mais bellas manifestações e com o estudo dos affectos intimos que nascem do coração.

Não nos devem assustar por isso as tendencias pseudo-philosophicas dos talentosissimos escriptores, que constituem a nova escóla litteraria de Coimbra.

Poucos em numero, enlevadas as suas vaidades juvenís pelo prazer de seguirem um caminho menos trilhado, ao que elles chamam com a mais bondosa singeleza *innovar*, terão dentro em breve contra si o consenso unanime no menospreço dos seus escriptos, e nos dictames da propria consciencia, que alumiada pela madureza do bom senso, lhes mostrará o erroneo caminho que seguem, ainda mal para os seus elevados dotes intellectuaes! Será então occasião de verem que a pretendida innovação não passa de uma aberração do bom gosto, como a dos pintores chinezes, que, para se não curvarem á simplicidade do natural, nos pintam homens de olhos quadrados, monstros de fórmas chimericas e flores de cores impossiveis!

Não confundamos porém as tendencias que tem a philosophia a invadir os dominios da litteratura, com uma outra pecha, que em mau gosto corre parelhas com esta, e á qual se não tem eximido talentos muito provados e circumspectos:

qual é a de substituir á phrase chã e comesinha o acervo de palavrões campanudos, retumbantes, prolixos e nauseabundos, encobrindo a idéa, que nada tem de philosophica nem de transcendente, com uma obscuridade artificial, só filha da escolha dos vocabulos obsoletos ou extravagantes, e da enrevezada collocação das palavras no architectar da phrase. Este vicio, que, Deus louvado! vae passando de moda, não é de hoje, nem da escóla de Coimbra; grassou já muito mais intenso e assustador em tempos que não vão longe, sacrificaram-se a elle em annos já passados alguns escriptores aliás muito notaveis e que, abjurando a tempo ás falsas doutrinas, seguem actualmente o rito orthodoxo da grammatica e do senso-commum!

Mas, áparte a aberração da denominada *escóla de Coimbra*, estará a litteratura de hoje, izenta de toda a macula e florescente com toda a seiva, que lhe devia assegurar o talento de muitos dos seus cultores?

Estamos certos que não!

A facilidade com que entre nós se fabricam reputações litterarias, a impunidade com que se adormece á sombra dos colhidos loiros, o deleite com que tanto os grandes como os pequenos ouvem reciprocamente o canto da sereia denominado *elogio mutuo*, a má fé ou nimia condescendencia na critica litteraria são decerto a principal origem da asthenia que apresenta a nossa boa litteratura. Desde o vulto mais eminente até ao mais modesto critiqueiro quem é que se atreve a dizer desassombradamente a verdade na apreciação de uma obra litteraria, que emane de algum dos nomes que tem já enfeudados os direitos ao louvor publico? Os magnates empunham o thuribulo, alguns maldizentes anonymos zumbem insolencias desentoadas, que desprestigiam o valor da censura ainda que justiceira, e n'estes extremos a critica, ou convertida em blandicia de cortezão, ou em descompostura de soalheiro, apresenta-se sempre ou de manto de seda e com a mascara da hypocrisia, ou de mangas arregaçadas e chinelo no pé, falseando em ambos os casos a sua missão.

O sr. Antonio Feliciano de Castilho, o venerando decano dos nossos escriptores, a quem as letras patrias devem tão bons modelos de elegancia de linguagem, e tantos primores artisticos de metrificação, é tambem um dos primeiros, senão o principal cumplice, do máu caminho por onde a critica anda transviada! Occupando o logar mais eminente da nossa republica litteraria, s. ex.ª compraz-se em escutar os elogios e louvores até dos seus mais intimos cidadãos, retribuindo em moeda,

que se maior valor seria, senão fosse pela maior parte falsa; e o deleite de escutar lisonjas a quem podia (e devia) ter as severidades de mestre de tal modo prende a independencia da boa critica dos outros, que todos insensivelmente se deixam ir levados na placida corrente d'estes mentirosos louvores; louvores que offerecem de mais a mais a commodidade de ninguem precisar esforçar-se por avançar na senda da perfeição. Foi assim que nasceu o *elogio mutuo*, e o *elogio mutuo* é o tuberculo que entisica a nossa litteratura!

Todos conhecem isto, mas ninguem tem valor para romper com as falsas conveniencias estabelecidas pela sociabilidade litteraria!..

Garrett foi o nosso grande vulto, Garrett foi o genio descomunal do seculo, que imprimiu o cunho da sua individualidade a todos os generos da litteratura que ensaiou, e que foram, segundo cremos, todos os conhecidos, desde o cancioneiro popular até ao poema, desde a farça até á tragedia, desde o folhetim humouristico até ao romance historico, desde as fabulas jocosas até ás mais sentidas e mais lyricas estrophes; Garrett foi o reformador litterario, que o sr. Castilho acompanhou de muito perto, conservando logar eminente junto d'aquelle grandioso vulto, tendo brilho proprio ao pé d'aquelle sol deslumbrante, illustrando o seu nome junto d'aquelle nome immortal. É isto sobeja gloria para s. ex.ª: e não carece das louvaminhas dos pequenos quem tantos titulos de nobreza litteraria póde exhibir. Ser o segundo onde Garrett é o primeiro, vale de certo muito mais do que ser o primeiro onde nós e outros pouco maiores que nós somos os ultimos!

O logar que o sr. Castilho occupa deve-o ao seu grande talento, ao seu trabalho, aos seus esforços, que concitam a admiração, o respeito, o acatamento religioso, maiormente se lembrarmos a terrivel enfermidade, que desde tão verdes annos privou a s. ex.ª do sentido por onde mais se recebem as impressões, que, elaboradas pela intelligencia, dão os fructos do bello e do admiravel. S. ex.ª é o mestre da lingua, conhece como ninguem todos os recursos e todos os segredos d'ella, e fiamos que o idioma portuguez ha de viver em quanto viver o ultimo dos livros de Castilho.

Porque não castiga pois s. ex.ª os excessos do seu genio naturalmente blandicioso? porque não corrige utopias que o mundo alcunha de piegas? porque não despreza incensos que nem valem por si, nem pelos thuriferarios que os offerecem, e não entra desassombrado no caminho da boa critica?

Na carta ao editor Pereira, que acompanha o *Poema da Mocidade*, carta de admiravel linguagem, mas que realmente não devia figurar como estudo critico de tão conspicuo e eminente escriptor, lembra s. ex.ª, como theriaga para o veneno que vae inoculado nas letras patrias, a leitura dos bons modelos da antiguidade, vertidos em boa e vernacula linguagem, como s. ex.ª está tentando com o Virgilio; o que é já para nós garantia de que teremos do mantuano a mais primorosa traducção.

Ora lealmente, se a posição e o nome illustre de Castilho o não collocassem ao abrigo de toda a suspeita, aquella carta pareceria aos mal intencionados uma dupla rede lançada para pescar um editor na pessoa do sr. A. M. Pereira; já pelo convite ao mesmo senhor de se tornar chefe de uma associação editora, (utopia irrealisavel ainda mesmo depois de um tratado litterario com o Brasil, e de todos os portuguezes e brasileiros saberem e desejarem ler); já pelo apregoado remedio das versões latinas, de que s. ex.ª se confessa ao mesmo tempo preparador.

Se compararmos a doutrina d'esta carta com o que o distincto poeta disse na *Conversação preambular* de elogios a Thomaz Riebiro por ter desprezado no seu poema as fórmas classicas dos antigos, chegando a apregoar o *D. Jayme* como o livro modelo para as escólas, somos quasi forçados a concluir que, ou s. ex.ª zomba com os leitores, ou de tal modo despreza a opinião publica, seguro da sua reputação, que não attende ao que escreve.

O critico do *D. Jayme* e da *Mocidade* malbarata o tempo em questiunculas tão insignificantes, como a das letras maiusculas no começo dos versos. E' este um cavallo de batalha que não deixa nunca de vir figurar entre os incidentes, que s. ex.ª inflora com os primores do seu estylo feiticeiro. Mas que proveito advem d'ahi para o livro, para o auctor e para a litteratura? Os versos são mais ou menos versos por terem as iniciaes em caixa alta ou em caixa baixa? póde isso passar além de uma questão de bom gosto typographico? Não sabem todos que os gregos eram tão avaros de maiusculas que nem depois de ponto final as empregavam, uzando-as só em nomes proprios e no começo dos periodos? Que augmentou isso ás bellezas da *Illiada* ou da *Odisséa?* Que deprimiu o uso contrario ás sublimidades da *Eneida*, da *Jerusalem Libertada*, dos *Lusiadas*, do *Paraizo Perdido*, da *Henriada* e de todos os monumentos épicos? Quem ignora que das nações cultas é a Espanha a unica, que segue o uso de começar os versos com letra

pequena, o que não torna Espronceda, Rivas ou Zorrilla, superiores a Musset, a Lamartine, a Victor Hugo?

Esta questão, semelhante á de um mestre de meninos que na Beira ouvimos sustentar as vantagens de vir nós syllabarios o Ç cedilhado antes do não cedilhado, dá a medida das preoccupações do espirito do eminente escriptor e do desprezo com que elle encara as verdadeiras e leaes apreciações criticas.

Sejamos sinceros! Em vez de s. ex.ª gastar o tempo com isto, não valia mais apontar com paternal carinho, mas com magistral censura os defeitos dos poemas criticados? Não lucrariam mais o auctor, a critica e as boas letras? — *Gósto d'isto porque me agrada* é uma phrase boa na bocca dos pequeninos como nós; na do mestre não tem significação; corre-lhe o dever de dizer francamente *gósto por isto; não gósto por aquillo!* Os defeitos, que todos os livros os tem, especialmente as primeiras tentativas, embora banhadas pelos jorros da inspiração como os dois poemas citados, são a vegetação luxuriante dos arbustos, que precisam ser cortados para que a arvore se forme perfeita e elegante, para que a seiva se não desperdice em ramos inuteis em vez de ir nutrir o tronco principal; e o critico consciencioso é o cultivador sollicito, que póda, limpa, corrige e ampara a arvore tenra. Tudo que não for isto não é cultura, nem é critica!

Ora, vindo o exemplo de tão alto, claro está que é naturalmente contagioso aos que consideram com justos titulos o ex.^mo^ sr. Castilho como o primeiro vulto da litteratura actual. D'ahi toda a mentira da critica, d'ahi toda a tibieza das creações, todo o desalinho e descuido com que os authores se apresentam em publico, especialmente se vem já acobertados pela reputação adquirida em anteriores provas! D'ahi essa tal ou qual decadencia da nossa litteratura.

Que fazer em taes conjuncturas? Desanimar em face do mal incuravel? revolver com o pé o cadaver em putrefação, pelo feroz prazer de lhe aspirar as ultimas emanações, e passar ávante com indifferentismo?

Se os homens na sociedade têm deveres a cumprir para o bem-estar geral, cada um conforme as suas forças; tambem o homem que cultiva as letras deve concorrer para o maior brilho d'ellas com todos os seus esforços, embora impotentes, mas que lhe deixem tranquilla a consciencia! Pois porque morreu Garrett, porque não ha quem o substitua, ha de deixar-se definhar a litteratura patria? pois porque não podemos juntar capitaes tão opulentos como os que elle nos legou, havemos de es-

banjar todos os productos da nossa actividade? Não deve o sr. Castilho tomar a iniciativa, hastear o pendão e seguir o bom caminho, levando apoz si todos aquelles que o tem seguido na senda errada? Não devia o sr. Alexandre Herculano, o terceiro vulto da nossa reforma litteraria, acompanhal-o n'este espenho? Não é peccaminoso em s. ex.ª o isolamento a que se votou na vida publica como na litteraria? Não é terrivel e pernicioso o exemplo e o conselho de desalento vindos de tão alto? Não brada ao céu este voto de celibato intellectual que torna infecundo engenho tão notavel? que faz do talento do illustre historiador um outro Eurico ascetico e solitario, sem buscar sequer o glorioso martyrio de morrer pela patria? E Mendes Leal, e Rebello da Silva, e Latino Coelho, e Thomaz Ribeiro, e Pinheiro Chagas, e Vidal, e Bulhão Pato, e Camillo Castello Branco, e Andrade Ferreira, e Ramalho Ortigão, e Cesar Machado, e depois d'elles todos os escriptores, não devem fazer uma nova cruzada para o brilho das letras portuguezas?

A sociedade do *elogio mutuo* foi o mal: crie-se como remedio a sociedade da *censura mutua!* Sejam inexoraveis os criticos, que n'isso cumprem o seu dever; sejam justos, que os proprios criticados lhes quererão bem! Deem o exemplo começando a censura pelas obras dos maiores vultos, e os mais pequenos já não se verão vexados pela critica, nem a julgarão effeito da má vontade!

Pois que! Podem na vida politica os amigos, intimos no tracto familiar, atacar-se aspera e desabridamente na arena das discussões parlamentares ou jornalisticas, sem que isso lhes quebre a amisade particular; podem os advogados nos tribunaes invectivarem-se mutuamente na defesa das causas que lhes são confiadas, sem que por isso soffra interrupção a boa fraternidade de collegas e de amigos, e só os litteratos hão de ser tão ciosos e obcecados de susceptibilidades nas suas reciprocas affeições que receiem quebral-as só por dizerem a verdade, sem acrimonia, mas tambem sem lisonja?

Partisse o exemplo d'onde devia partir, e ver-se-ia com que celeridade elle se inoculava em todos os membros da republica litteraria, levando a todo o corpo a vida, a actividade, o estimulo e a emulação que lhe falta!

Ao sr. Castilho compete a iniciativa. Aconselhe embora a leitura dos modelos da antiguidade, que, especialmente vertidos por s. ex.ª, serão sempre muito para consultar, aconselhe tambem as obras tão portuguezas de Garrett, não seja cioso do morto! aconselhe egualmente, dizemol-o, sem lisonja, — que

bem ve s. ex.ª não ser o nosso fraco — aconselhe egualmente a leitura de muitas das suas obras, portuguezas de lei tambem e onde ha muito que aprender, aconselhe emfim as de outros escriptores vivos; mas seja antes severo do que indulgente no juizo que fizer d'ellas, embora receba em retribuição a mesma severidade na apreciação dos seus escriptos. O seu talento e o seu bom nome não se podem arreceiar da provação, e ainda quando o dardo da censura lhe entrasse fundo nas carnes, a gloria que se conquista por entre espinhos vale mais do que a que se obtem por meio de flores.

O que não presta, o que se deve evitar é a continuação d'esta polemica infecunda, que faz lembrar uma conferencia entre dois charlatães, que em vez de discorrerem sobre a doença e seu tratamento, empenham-se em mostrar erros e defeitos um ao outro, desprestigiam-se aos olhos do publico e por fim.... deixam morrer o doente!

A. M. da Cunha Bellem.

NOTA

Este escripto, que não fôra destinado para se publicar em folheto, estava composto de ha muito, sem sair á luz por circumstancias imprevistas: durante este espaço tem apparecido novos opusculos ácerca da questão, sendo os principaes entre elles *Vaidades irritantes e irritadas* do sr. Camillo Castello Branco, e *Guelfos e Gibelinos* do sr. Vidal. Não é nos estreitos limites de uma nota que se pode fallar de obras de tão notaveis escriptores, diremos só que ambos os novos campeões atacam as absurdas extravagancias da *escóla Coimbrã*, rendendo preito e homenagem ao talento, aos monumentos litterarios, e aos serviços do ex.mo sr. A. F. de Castilho. Em tudo isto estamos nós de accordo e muito de accordo com os illustres contendores; mas o que não podemos levar a bem ao nosso distincto poeta e correctissimo prosador é que não seja mais leal e sincero nas censuras, aquilatando como mestre e como juiz o merecimento real das obras e dos authores.

D'aqui a pôr mãos icónoclastas no vulto venerando do venerando ancião vae muitissima differença!

C. B.

Vende-se em todas as lojas do costume

PREÇO 100 RÉIS.